

A PERCEPÇÃO DO PROFESSOR SOBRE O CONCEITO DE COMPETÊNCIAS E O DESAFIO DA ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

Andréia Valeria de Souza Miranda – UNIPLAC
Simone Terezinha Feldhaus Souza – UNIPLAC

Eixo Temático: Organização e gestão da educação básica

RESUMO

Este artigo discute a Teoria das Competências, Parâmetros Curriculares Nacionais e Temas Transversais. Nosso objetivo foi o de analisar a percepção dos professores sobre o conceito de construção de competência. O cenário escolhido foi uma escola que oferece ensino para Educação de Jovens e Adultos e utiliza como referência a Matriz de Competências do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos. Tratou-se de uma abordagem qualitativa, o instrumento de pesquisa foi uma entrevista semi-estruturada aplicada nas dependências da escola e os dados foram analisados à luz do referencial teórico. Este estudo surgiu de problematizações realizadas durante as aulas do Curso de Mestrado em Educação sobre a questão da formação dos professores diante das especificidades da atuação para atender aos dispositivos previstos nos Parâmetros Curriculares Nacionais. A análise dos dados mostrou a dificuldade em se trabalhar com a matriz por competência. Por outro lado, refletir sobre o tema trouxe-nos novas possibilidades para a construção de uma escola mais qualificada, da mobilização de conhecimentos para enfrentar as mais diversas situações de forma estratégica, no momento e de forma adequados. Espera-se que haja uma reflexão sobre esta experiência, agora não mais no loco da pesquisa, mas para além dos muros da instituição.

Palavras chave: Competências. Educação de Jovens e Adultos. Percepção do professor.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo partiu da problemática de como o professor compreende o conceito de construção de competência e a pesquisa ocorreu em uma escola que oferece ensino para Educação de Jovens e Adultos, que utiliza como referência a Matriz de Competências do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA), e usa na sua metodologia o ensino por competências, onde o professor ao elaborar seu planejamento prevê quais competências estará incentivando o educador a desenvolver.

As competências do sujeito são eixos cognitivos, que, associados às competências apresentadas nas disciplinas e áreas do conhecimento do Ensino Fundamental, referem-se ao domínio de linguagens, compreensão de fenômenos, enfrentamento e resolução de situações-problema, capacidade de argumentação e elaboração de propostas.

A Educação de Jovens e Adultos tem sido uma tendência atual, a procura pela formação, mesmo que tardia é grande por parte dos alunos, e nesta instituição o ensino é

gratuito, com uma metodologia diferenciada e um horário que favorece aos trabalhadores a participação escolar.

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar a percepção dos professores sobre o conceito de construção de competência, e desta forma poder contribuir com a reflexão sobre a ensinagem, novas metodologias e a importância da utilização de ferramentas de gestão para a melhoria na qualidade do ensino.

A escola em estudo atende cerca de 800 jovens e adultos nas séries iniciais e finais até o ensino médio. Neste sentido, precisa estar preparada para atender esta demanda e guiar o aluno numa ensinagem constantes, com a preocupação da formação pautada na ética e utilizando metodologias que sejam capazes de priorizar a construção de estratégias e argumentações para que o cidadão tenha espírito crítico e consciência de seu papel diante da vida.

2. OS PARÂMETROS CURRICULARES E A COMPETÊNCIA NA VIDA ESCOLAR

No mundo contemporâneo, com o avanço tecnológico, percebe-se a necessidade de delinear as relações entre o conhecimento e o trabalho. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs),

...trata-se de ter em vista a formação de estudantes em termos de capacitação para a aquisição e o desenvolvimento de novas competências, em função de novos saberes que se produzem e que demandam um novo tipo de profissional, que deve estar preparado para poder lidar com novas tecnologias e linguagens, capaz de responder a novos ritmos e processos. (BRASIL,1996, p.02).

Trabalhar com a construção de competências pode ser uma excelente ferramenta na organização de uma escola mais qualificada, aquela capaz de mobilizar conhecimentos adequados para o enfrentamento das mais diversas situações da vida. Morin (2001) na sua proposta de *reforma do pensamento* problematiza a questão da articulação de saberes e propõe romper com a separação extrema entre as disciplinas sinalizando que mais vale uma cabeça bem feita do que uma cabeça cheia de conhecimentos desarticulados.

Para Fleury, 2001,

O conceito de competência é pensado como conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes (isto é, conjunto de capacidades humanas) que justificam um alto desempenho, acreditando-se que os melhores desempenhos estão fundamentados na inteligência e personalidade das pessoas. (p. 185).

Sendo assim, a escola também assume o papel de preparar os alunos levando-os a articular saber escolar a extra-escolar. Pois segundo Perrenoud (1999), trabalhar com as competências na escola significa articular o saber advindo dos conteúdos escolares aos saberes do senso comum, que exigem noções de variados conhecimentos no processo de resolução de situações-problema. Por sua vez, os professores necessitam rever algumas práticas pedagógicas, como a mera transmissão do conhecimento, para permitir que o processo de ensino aprendizagem seja contextualizado tendo como base a aprendizagem do aluno. O professor deve ainda ter uma postura interdisciplinar para que consiga compartilhar desse conhecimento com todos os envolvidos.

3. PERCURSO METODOLÓGICO DO ESTUDO

A pesquisa aqui apresentada foi desenvolvida a partir de estudo de caso de abordagem qualitativa, com os professores do Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos. Os professores e a coordenação do curso foram informados sobre o objetivo da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os nomes dos participantes foram mantidos no anonimato, de forma a garantir o sigilo e a ética. Iniciamos a interpretação dos dados obtidos a partir da entrevista semi-estruturada, observações e interação com o grupo de 27 professores, mas somente 22 participaram. Os dados levantados foram armazenados e assegurados pelo pesquisador de maneira confidencial. A análise e interpretação dos dados seguiram referencial Bardin (1977).

4. CONHECENDO O CENÁRIO E RFLETINDO SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE

Em relação ao tipo de formação na graduação, registramos uma maior incidência de professores na área da Matemática, com 07 professores formados, seguido pela Pedagogia com 06 professores. O que justifica o grande número de professores formados em Matemática é o fato de o ensino ser proporcionado por módulos, separados por disciplina, ou seja, é necessário que o aluno conclua todos os módulos referentes de forma satisfatória alcançando a média para ser aprovado. O professor permanece com a turma até a conclusão da disciplina de sua área de conhecimento. Isso remete a uma dificuldade, pois o ensino pode ficar fragmentado, todavia, é uma orientação do Ministério da Educação que o ensino na EJA seja organizado desta forma. Além de poder constituir uma dificuldade na coesão dos professores, uma vez que quando se encerra este módulo, estes professores são remanejados e o professor de outra disciplina assume esta turma até concluir os módulos da mesma.

A maioria dos professores atua na instituição a menos de 01 ano, ou seja, 54,5% dos professores, mas, conforme citado anteriormente, houve uma procura muito grande por parte dos alunos e muitas turmas novas se formaram, o que justifica a contratação de novos professores. Este fato reforça a necessidade de se pensar em tornar mais consistente o corpo docente da instituição, para que as competências e habilidades sejam desenvolvidas nas atividades acadêmicas.

Observamos que os professores possuem um tempo considerável de experiência docente, em torno de 4 a 7 anos. Formam, portanto, um grupo de professores com potencial para ser desenvolvido na busca pela coesão do ensino por competências. Nenhum professor possuía mestrado ou doutorado, e apenas dois professores afirmaram não ter pós graduação. Dos 20 professores especialistas, a formação também é maior no campo da Matemática.

Foram citados alguns cursos de capacitação realizados recentemente, mas todos têm uma formação bem específica, pontual em relação a alguns assuntos, o que não traz necessariamente a questão de uma formação continuada com base na construção de competências.

5. COMPETÊNCIAS: saber, conhecer e praticar

O objetivo foi o de analisar o conhecimento que os professores tem sobre “Teoria das Competências”. Dezenove professores admitiram que conheciam a teoria e apenas 02 professores afirmaram não conhecer. Questionados sobre há quanto tempo conheciam a teoria das competências, 01 professor informou-nos que havia conhecido a teoria das competências naquele dia, ou seja, no momento em que explicamos ao grupo sobre competências, pouco antes da aplicação do instrumento da pesquisa. Importante salientar que todos os professores utilizaram para planejamento de suas aulas a Matriz Curricular por Competências.

Quanto ao modo como conheceram a teoria, onze professores relataram que foi na própria instituição em que atuam. E quanto à aplicação da Teoria das Competências, a maioria dos professores respondeu que já a aplicaram, mas se referiam a aplicação em planejamento de aulas da instituição, e muitos professores não responderam nada. Observa-se aqui uma contradição novamente nas respostas, tendo em vista que a teoria deveria ser utilizada em sua prática diária nesta instituição de ensino e não apenas no planejamento. Evidencia-se aqui uma desarticulação teórico-prática.

Interrogados sobre de que forma aplicam a teoria de competências, as respostas foram: “*para concluir de que forma os alunos entenderam o conteúdo*”; “*desenvolvendo as*

habilidades e competências para uma sociedade moderna”; *“contextualizando*”; *“em diálogos em sala*”; *“em planejamentos e vivência em sala*”; *“interdisciplinar”* e 08 professores deixaram em branco. Ao analisar as respostas nos deparamos com uma diversidade de interpretação teórica por parte dos professores, sendo que a maioria das respostas são vagas, não explicitam o verdadeiro saber destes profissionais sobre a teoria. Nossa reflexão é de que forma estes professores realizam o planejamento de suas aulas baseados em uma matriz por competências se não conseguem nos responder de forma consistente sobre a aplicação da mesma.

6. ARTICULANDO TEORIA À PRÁTICA

O objetivo desse bloco de perguntas foi identificar conceitos de Competência via discurso dos PCNs e Temas Transversais. A primeira questão foi “Como compreende o conceito de “Construção de Competências” e as respostas foram: *“pelas habilidades desenvolvidas”*; *“é um suporte para a organização do professor”*; *“qualificar os estudantes e professores para realizar suas atividades na diversidade de espaço e local”*; *“partir do conhecimento prévio do aluno, fazendo com que o aprendizado seja significativo de acordo com seu contexto”*; *“como sendo aquilo que você faz, mesmo sem planejar muito, mas que dá sempre o melhor de si”*; *“algo que devemos incentivar, estimular para que seja demonstrado;”* *“algo que tem que ser apresentado de forma coerente com o que se repassa”....*

Percebe-se que pelas respostas, que alguns professores têm conhecimento sobre o assunto, mas a grande maioria não deu uma resposta coerente e 04 professores deixaram esta questão em branco. Quando indagados sobre se conhecem e o que conhecem do conceito de competências conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais e Temas Transversais, responderam da seguinte forma: *“devo conhecer, mas não me recordo no momento”*; *“sim, são orientações gerais”*; *“conheci quando fiz algumas leituras para participar do processo seletivo desta instituição”*; *“os Parâmetros Curriculares, sim”*; *“que a escola deve levar o aluno a interagir com o seu meio de maneira consciente e participativa”*; *“é um tema vasto”*; *“sim, o aluno deve interagir com o seu meio de convivência, ativamente”*; *“as competências que o aluno precisa ter para os conhecimentos específicos”*; 07 professores responderam que não conhecem e 07 professores ainda deixaram esta resposta em branco.

Sobre quais habilidades e competências que ele incentiva os alunos a desenvolverem; 04 professores deixaram em branco, 05 professores responderam que: *“intervir nas diversas*

situações; entender; aplicar; diferenciar; ler; compreender; contar; relacionar; identificar; produzir e interpretar textos; expor suas opiniões”; 03 professores responderam que “*saber fazer, saber conhecer, saber viver e ser*”; e os demais afirmaram que incentivam os alunos a: “*ler e pensar sobre o tema, ser críticos*”; “*dominar a leitura e escrita, fazer cálculos, analisar, sistematizar e interpretar dados*”; “*todas, pois são importantes para os alunos entenderem a importância de estarmos no contexto em que vivemos*”; *habilidades: identificar registros em diferentes práticas dos diferentes grupos sociais no tempo e no espaço, competências: compreender o desenvolvimento da sociedade como processo de ocupação de espaços físicos e as relações da vida humana*”; “*compreender-se integrante e agente transformador do espaço em que vive. Interpretar diferentes representações do espaço geográfico*”; “*tornar o aluno capaz de refletir sobre seu cotidiano, relacionando com o conhecimento adquirido em sala de aula. “estimular o conhecimento, desenvolver o raciocínio e interagir com o cotidiano*”; “*prepará-los para a cidadania e uma educação para intervir na concepção de valores e de mundo dos educandos*”. Percebeu-se através das respostas que poucos professores definiram as habilidades e competências de acordo com suas disciplinas, deram respostas num âmbito geral, sem associá-las às suas áreas de ensino.

Solicitamos aos professores um exemplo em sala de aula de como ele desenvolve estas habilidades e competências dos alunos, sendo que 09 professores deixaram esta resposta em branco e as respostas dos demais foram as seguintes: “*folhetos de supermercados para cálculo mental, preenchimento de cheques, calcular a velocidade de carros na rua*”; “*socializar conhecimentos, problematizar sobre os temas propostos, formar personalidade crítica, fazer com que o aluno relacione seu cotidiano com os dos personagens utilizado nas teleaulas*”; “*trabalhei com meus alunos*”; “*quando dei aula sobre a família, como era antes e nos dias atuais. As concepções de família na atualidade, inclusive percebi muitos preconceitos nos dias atuais*”; “*em algumas aulas, os alunos são desafiados a vencerem suas limitações, através de teatro, apresentações de trabalhos, criação de textos, trabalhos em equipe*”; “*analisar as mudanças e transformações que os seres humanos fazem para se desenvolver economicamente e viver em sociedade*”.

Por estas respostas pode-se perceber, novamente, pelo número de professores que deixaram esta resposta em branco e pelas respostas dos demais, que a grande maioria ainda não compreende o conceito de construção de competências e sua aplicabilidade em sala de aula. Faz-se necessário uma mobilização no sentido de conhecer e entender o trabalho em sala através da construção de competências, segundo Perrenoud, a competência requer conhecimento.

A descrição de competências deve partir da análise de situações, da ação, e disso derivar conhecimentos. Há uma tendência em ir rápido demais em todos os países que se lançam na elaboração de programas sem dedicar tempo em observar as práticas sociais, identificando situações na quais as pessoas são e serão verdadeiramente confrontadas. (PERRENOUD, 1999, apud DUARTE, p. 38).

Vale perguntar, então, como é realizado este planejamento com base na Matriz de competência do ENCCEJA e sua aplicabilidade em sala de aula, se a grande maioria dos professores não tem clareza do que são competências e não dão exemplos convincentes de como estão trabalhando em sala de aula com os alunos?

7. REFLETINDO SOBRE A ATUAÇÃO NO CENÁRIO DA SALA DE AULA

O objetivo desse bloco de perguntas foi destacar as dificuldades ou facilidades encontradas pelos professores na condução do processo de construção de competências. A princípio procuramos construir o perfil dos alunos e observamos que a maioria é de trabalhadores simples que labutam o dia todo e tem disposição de no final do período enfrentar os bancos escolares com muita disciplina, grandes sonhos e objetivos de vida. São alunos que não tiveram apoio para estudar quando criança, alguns com problemas sociais, familiares e econômicos.

Outra questão foi sobre as facilidades para planejar as aulas a partir das competências e as respostas mais significativas foram: *“saber o que realizar e o resultado a ser alcançado”, “porque sei quais os objetivos que quero atingir ao final do conteúdo e onde quero que meu aluno chegue no final”, “foco, articulação e dinamismo”, “evita que eu precise de perder tempo pensando as relações entre habilidades e competências, uma vez que na matriz traz já pré definida a relação”, eu tenho claro a competência que desejo que do aluno, saberei contextualizar, objetivar, promover habilidades e usar metodologias apropriadas”*.

Observa-se que fica muito forte a questão dos resultados das aulas, da avaliação ao final para saber se foram alcançados os objetivos traçados. Mas o mais relevante foi o fato de 08 professores terem deixado em branco esta resposta. As respostas dos professores demonstram uma divergência em relação à matriz curricular por competências, que vão além da avaliação da aula e do planejamento, conforme encontramos nas orientações curriculares do Ministério da Educação:

Os temas estruturadores têm a função de ajudar o professor a organizar suas ações pedagógicas, configurando-se como meios para atingir os objetivos do projeto pedagógico da escola, e não como objetivos em si. Dessa forma, devem ser utilizados para criar situações de aprendizagem que permitam o desenvolvimento de competências tais como saber comunicar-se, saber trabalhar em grupo, buscar e organizar informações, propor soluções, relacionar os fenômenos biológicos com fenômenos de outras ciências, construindo, assim, um pensamento orgânico. Não se trata simplesmente de mudar o planejamento para que a ação pedagógica se enquadre nos temas estruturadores, e sim de utilizar esses temas biológicos como instrumentos para que a aprendizagem tenha significado, de forma que o aluno seja capaz de relacionar o que é apresentado na escola com a sua vida, a sua realidade e o seu cotidiano. (BRASIL, 2006, p. 21).

Em relação às dificuldades encontradas 06 professores deixaram em branco, e aí nos questionamos o porquê de não responder. Não conseguem expressar sobre as facilidades e nem sobre as dificuldades. Como de fato realizam seus planejamentos de aula? Se demonstram tanta dificuldade em escrever sobre a sua realidade docente, porque não procuram qualificação?

Dos professores que responderam sobre as dificuldades, as respostas foram: *“são pouco abrangentes, mas pouco específicas”, “é difícil ficar atrelada à competência pré-definida”, “repetição (o professor tem que se adequar)”, “às vezes não consigo relacionar o conteúdo com a competência ajustando as habilidades”, “dificuldade em conseguir material adequado e falta de conhecimento e preparo (meu) em algumas vezes, dependendo da atividade”, traçar estratégias para fazer com que meus alunos adquiram determinadas habilidades e competência em determinados conteúdos”...*

Nestas respostas evidencia-se o despreparo e o desconhecimento em relação com as competências, por parte da maioria dos professores. Questionamos como se sentem enquanto articulador desse processo e as alternativas para resposta eram “preparado”, “despreparado” ou “aprendente”, sendo que 17 professores colocaram como aprendente, 05 deixaram em branco.

Os professores justificaram suas respostas citando a questão da insegurança, da falta de domínio sobre esse conhecimento, pelo fato de no ensino regular não ser aplicado desta forma, por se tratar de uma nova metodologia, por significar a mudança na forma de conceber e avaliar os conteúdos, pela dificuldade em escrever os planejamentos, enfim por necessitarem de maior clareza sobre o tema. Evidencia-se nas respostas o desconhecimento e a fragilidade dos professores a respeito das competências, mas estas respostas contrastam com a informação acima citada, onde mostramos que os professores não realizam capacitação específica para este tema, a busca pela qualificação é limitada, ou seja, a prática docente segue distante da teoria.

Quando questionados sobre como gostariam que fosse, os professores relatam que “*os professores da mesma área deveriam planejar juntos*”, mas, a metodologia de planejamento desta instituição é o cumprimento da hora atividade com professores da mesma área para planejem juntos, realizarem mais troca de experiências, reflexões e exemplos, preparação, considerando que somente o tempo de leituras e ressignificações permitirão um conhecimento mais aprofundado, coeso e exitoso. A essa questão, encontramos novamente respostas em branco, nove professores não responderam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A necessidade de modificar a construção do conhecimento se fortalece a partir dos parâmetros curriculares nacionais e a utilização das competências. Mas a prática é distante da teoria, gerando um abismo, uma lacuna entre o ideal e o real. Ao decorrer da pesquisa, nos deparamos com falta de informação e de conhecimento sobre o tema e dificuldade dos professores em atuar de acordo com a teoria das competências.

Os professores não têm formação específica para educação de jovens e adultos e alguns demonstraram pouco interesse em aprofundar suas respostas bem como deixaram um grande número de questionamentos sem responder. A dificuldade em trabalhar com a matriz por competência, o pouco tempo para conclusão dos módulos de cada disciplina, professores contratados recentemente e pouco experientes em Educação de Jovens e Adultos retratam a realidade por nós desvelada no decorrer desta pesquisa.

Para a construção de competências, o professor deve ter um juízo crítico de suas dificuldades e mobilizar recursos na busca constante de conhecimento, com atualização e interesse próprio em aprofundar conhecimento em temas que considera ter mais dificuldade, bem como a escola deve manter rigor na contratação e manutenção de professores de forma a garantir a qualificação necessária, e aproximar a teoria da prática.

Evidenciamos aqui a necessidade de rever as políticas educacionais na educação de jovens e adultos, para que os alunos tenham acesso a informações atuais e que este processo de ensinagem seja uma constante no cotidiano escolar e que os alunos possam desfrutar de um novo horizonte de possibilidades que se desvela a partir da construção de uma base sólida de conhecimentos e saberes.

Esperamos que haja mais uma reflexão sobre esta experiência, agora não mais no lócus da pesquisa, mas para além dos muros da instituição.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Edições 70. Lisboa, 1977.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Orientações Curriculares Para o Ensino Médio**. Vol. 2. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_02_internet.pdf>. Acesso em: 05/07/2011.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília, 1996.

DUARTE, Newton. **As pedagogias do aprender a aprender e algumas ilusões da assim chamada sociedade do conhecimento**. Revista Brasileira de Educação, 2001. Disponível em <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE18/RBDE18_05_NEWTON_DUARTE.pdf>. Acesso em 30/05/2011.

FLEURY, Maria Tereza Leme, FLEURY, Afonso. **Construindo o conceito de competência**. RAC, Edição Especial 2001: 183-196. Disponível em <<http://encceja.inep.gov.br/matriz-de-competencias>>. Acesso em 04/06/2011.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 3ª ed. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed, 1999.